



CISJORDÂNIA

(JUDEIA E SAMARIA)

Produzido por:

StandWithUs
BRASIL

10 fatos sobre comunidades israelenses e palestinas

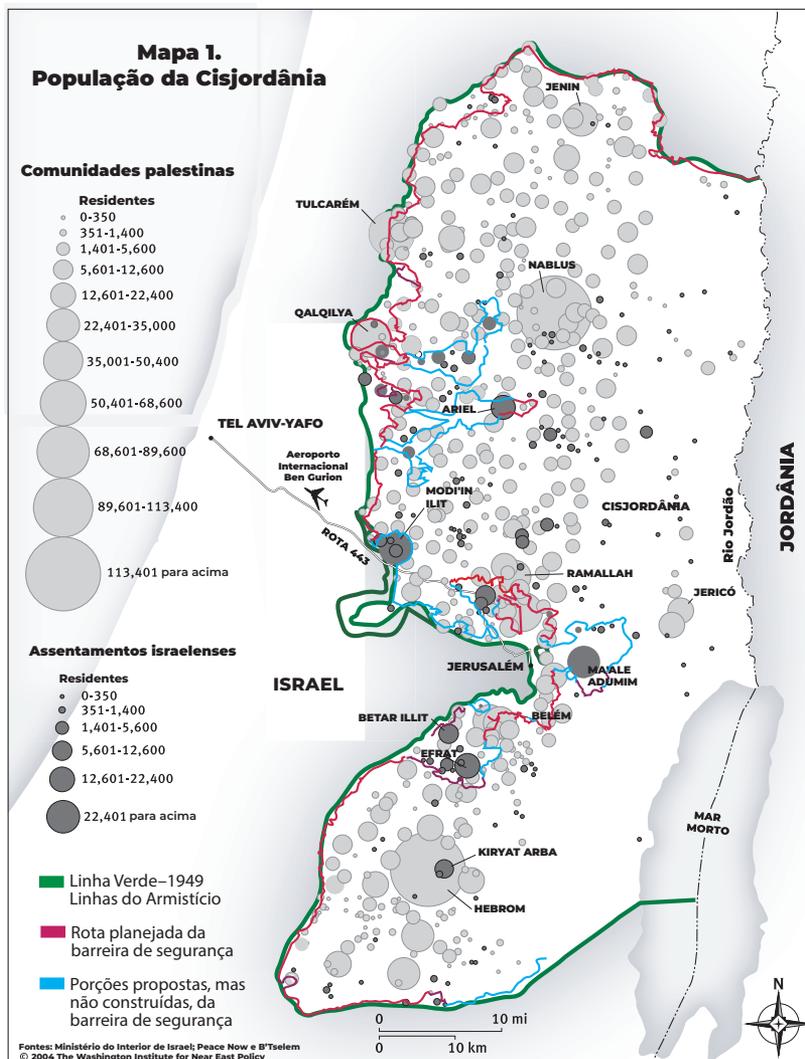
Judeus e árabes vivem na Cisjordânia há séculos. Atualmente, as fronteiras e status da área continuam sendo negociados entre os governos israelense e palestino.

- 1** ▶ Atualmente conhecida como Cisjordânia, esta região que compreendeu Judeia e Samaria por milhares de anos e é parte do lar ancestral do povo judeu. A palavra “Judaísmo” é derivada de “Judeia”. A região possui locais sagrados para as três maiores religiões monoteístas, judeus, cristãos e muçulmanos.
- 2** ▶ A Jordânia ilegalmente anexou a Judeia e Samaria depois da guerra de 1948 e renomeou a região como Cisjordânia. Depois do ataque jordaniano contra Israel em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias, Israel tomou o controle do território em uma campanha de autodefesa. Israel ofereceu grande parte da região em um acordo para a paz em 1968, mas a oferta foi recusada pelo governo jordaniano.
- 3** ▶ Historicamente, não houve um Estado árabe palestino anterior ao proposto nas negociações entre Israel, palestinos e a comunidade internacional. Nenhuma fronteira internacionalmente reconhecida jamais dividiu a região da Cisjordânia e Israel, afinal, fronteiras devem ser acordadas por meio de negociações.
- 4** ▶ Após o processo de paz de Oslo de 1993, 95% dos palestinos da Cisjordânia vivem sob a Autoridade Palestina (AP) em uma região que cobre cerca de 40% da Cisjordânia. Israel administra 60% da Cisjordânia, uma região conhecida como área C, até que se chegue a um acordo de paz definitivo. Essa pequena região é lar de cerca de apenas 5% da população palestina da Cisjordânia.
- 5** ▶ O número de comunidades israelenses autorizadas na Cisjordânia é praticamente o mesmo desde 1993, quando Israel e Palestina assinaram os Acordos de Oslo. Entretanto, desde 1993, o número de estruturas e de pessoas nos assentamentos aumentou.
- 6** ▶ As áreas construídas em assentamentos israelenses cobrem aproximadamente 2% de toda a terra da Cisjordânia.
- 7** ▶ Entre 75 e 80% dos israelenses na Cisjordânia vivem próximos à fronteira entre Israel e Cisjordânia ou junto a ela. As propostas de paz repetidamente focaram em incorporar essas comunidades a Israel em troca de entregar terras israelenses para palestinos.
- 8** ▶ Israel ofereceu dar praticamente a totalidade da Cisjordânia em troca de paz em 2000 e 2008. Os líderes palestinos negaram as ofertas e não fizeram contrapropostas.
- 9** ▶ Após ondas de bombardeios suicidas de grupos terroristas palestinos na região da Cisjordânia, Israel colocou postos de controle, construiu uma barreira de contenção e tomou diversas outras medidas para garantir a segurança de sua população. Isso criou diversas dificuldades para o cotidiano dos civis palestinos. Tais medidas persistem, já que a tensão do conflito também permanece, dificultando o cotidiano de ambas as populações.
- 10** ▶ Hoje, mais de 500.000 judeus e 2.9 milhões de palestinos habitam a região da Cisjordânia.

Assentamentos israelenses cobrem aproximadamente 2% de toda a terra da Cisjordânia

As áreas construídas nos assentamentos israelenses cobrem 2% da terra da Cisjordânia, de acordo com diversas fontes israelenses e palestinas. A rota da barreira de segurança cobre algo entre 5% e 8% do território da Cisjordânia. Pelo Acordo de Oslo, Israel controla 60% da região da Cisjordânia (Chamada de Área C) e é responsável por cuidar da segurança em mais 20% da Cisjordânia (Área B). A Autoridade Palestina possui controle completo de 20% da região (Área A) e controle sobre questões civis na Área B.

Comunidades na Cisjordânia



Assentamentos israelenses atualmente

Cidades consideráveis, pequenas comunidades rurais e vilarejos

Apesar de o termo “assentamento” muitas vezes se referir a regiões em desenvolvimento, a maioria dos assentamentos israelenses são comunidades completamente estabelecidas onde pessoas trabalham e estudam. Alguns são cidades com infraestrutura urbana completa, enquanto outros são comunidades menores, desde bairros residenciais a kibutzim, comunidades cooperativas agrícolas com poucas centenas de moradores. Existem também os “postos avançados” que não são autorizados pelo governo israelense, que os consideram ilegais.



Ma'ale Adumim, cidade residencial com mais de 30 anos situada a quatro quilômetros de Jerusalém. Construída em terra inabitada, hoje possui uma população de 38 mil residentes, segundo informações de 2019, sendo a segunda maior comunidade judaica na Cisjordânia.



Kibutz Almog, situado no Vale do Jordão, próximo ao Mar Morto. O Kibutz possui mais de 24 famílias residentes que desenvolvem técnicas para cultivo em solo salgado e exportam suas colheitas.

Beitar Ilit, situada a um quilômetro da Linha Verde, fundada em 1984.

Seu nome é uma homenagem à antiga cidade judaica de Beitar, que ficava localizada a menos de um quilômetro da cidade moderna. Também faz parte do Gush Etzion, grupo de comunidades judaicas construídas nos anos de 1920, posteriormente destruídas por forças árabes na guerra de 1948, muitas sendo reconstruídas a partir de 1967.



O debate a respeito dos assentamentos

Os assentamentos são motivo de discussão tanto dentro como fora de Israel. Aqueles que são contra dizem que os assentamentos são um obstáculo para a paz e que colocam em risco a sobrevivência de Israel enquanto Estado judeu e democrático. Os apoiadores argumentam que os judeus possuem um direito moral, legal, histórico e/ou religioso de viver em todas as partes da sua terra natal ancestral e que os assentamentos ajudariam Israel, dando profundidade estratégica dentro do território da Cisjordânia.

Muitas lideranças mundiais citam a quarta convenção de Genebra para argumentar que a permanência israelense na Cisjordânia e os assentamentos são ilegais perante a lei internacional. No entanto, muitos juristas discordam dessa posição, incluindo o antigo reitor da faculdade de Direito da Universidade de Yale, Eugene Rostow, que se posiciona dizendo que “o direito de assentamento de judeus naquela área é equivalente em todos os aspectos ao direito da população palestina de viver ali”, baseando-se no fato de o Mandato da Palestina* ter sido estabelecido para facilitar a criação de um Estado nacional judaico em 1920 e, na ausência de um Estado reconhecido, ter exercido soberania sobre a região desde essa época. A ocupação jordaniã ilegal do território entre 1949 e 1967 foi rechaçada pela comunidade internacional, e as lideranças palestinas rejeitaram numerosas ofertas para a criação de um Estado palestino em troca de paz.

Atualmente, uma minoria de judeus israelenses vive na Cisjordânia em meio a uma população majoritariamente palestina. Sob tratados internacionais, os governos da região possuem a responsabilidade de negociar as fronteiras finais como parte de um eventual acordo de paz. Os esforços para resolver essa questão, na maioria das vezes, buscam negociar a incorporação da maior parte ou toda a população israelense dos assentamentos, enquanto devolveria essas faixas de terra para população palestina. Em dado momento, Israel inclusive sugeriu que assim como existem 1.8 milhão de cidadãos árabes em Israel, aos judeus que desejassem permanecer na Cisjordânia deveria ser dada cidadania também em um Estado palestino. No entanto, lideranças palestinas já disseram publicamente que não deixariam nenhum israelense sequer viver em um Estado palestino. Até que essas questões problemáticas sejam resolvidas, o status da Cisjordânia vai continuar como está, uma interminável disputa.



Negociadores israelenses e palestinos na Casa Branca

*Para mais informações sobre o Mandato, veja dois artigos de Eugene W. Rostow, “Bricks and Stones, Settling for Leverage: Palestinian Autonomy” (1990) e “Resolved: Are the Settlements Legal? Israeli West Bank Policies” (1999), on-line em www.bjency.org/254.htm.

Comunidades palestinas

Atualmente, entre 95 e 98% dos palestinos na Cisjordânia vivem em 40% do território total da Cisjordânia, nas áreas A e B. Os 60% de terra restantes, denominados área C, que estão sob administração israelense em função dos Acordos de Oslo, são pouco populosos. Israelenses e palestinos ainda negociam quantas e quais seções da área C seriam incorporadas ao território governado pela Autoridade Palestina.



Nablus, com 140.000 habitantes, é uma das maiores cidades palestinas na Cisjordânia, cercada por terra não cultivada, não construída e não aproveitada.



60% da Cisjordânia, a denominada área C, é composta de terra vaga e é habitada por apenas 5% da população palestina total vivendo na Cisjordânia. Todas as comunidades israelenses na Cisjordânia estão na área C.

Cidades palestinas

Os palestinos começaram a governar a si próprios em 1994, quando a Autoridade Palestina foi criada. Atualmente, a maioria dos palestinos vive em cidades como Nablus e Tulkarm, além de outras comunidades que são governadas pela Autoridade Palestina.¹



A bolsa de valores palestina em Nablus.



Ramallah é a cidade central para economia e política palestina na Cisjordânia.

¹O CIA World Fact Book relata que 74,3% da população árabe na Cisjordânia é urbana (2011). www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/we.html

As medidas de segurança na Cisjordânia

Até o ano 2000, tanto israelenses como palestinos podiam se mover livremente através da Cisjordânia. Isso mudou após o líder palestino à época, Yasser Arafat, rejeitar uma importante oferta de paz e evocar a Segunda Intifada, que foi uma campanha de bombardeios suicidas, violência e terrorismo contra civis israelenses.

Diante da falta de opções para prevenir terroristas de transitar entre cidades para matar cidadãos, Israel decidiu colocar postos avançados, construir uma barreira e aumentar as operações de contraterrorismo na Cisjordânia. Essas mudanças inegavelmente dificultaram a vida cotidiana de civis palestinos, um resultado que não era desejado por parte de Israel. Infelizmente, grupos terroristas racistas e suas ações extremistas forçaram Israel a escolher entre dificuldades para cidadãos palestinos e salvar a vida de cidadãos israelenses.

Hoje, com a ameaça terrorista diminuindo, muitos postos avançados, além de outras medidas de segurança, foram desativados. Quando Israel e a Liderança Palestina finalmente alcançarem um acordo de paz, as demais restrições também serão retiradas.

Água para a Cisjordânia

Israel fornece recursos hídricos aos palestinos

Água é um recurso precioso nessa região árida, mas Israel utiliza os mesmos aquíferos desde 1967, quando conseguiu controle sobre a Cisjordânia. Os assentamentos israelenses utilizam o sistema nacional de suprimento de água de Israel e não consomem os reservatórios da Autoridade Palestina.

O acesso dos palestinos à água potável aumentou 275% entre 1967 e 2012. Mesmo com a escassez de água, Israel concordou, nos Acordos de Oslo, a dar 31 milhões de metros cúbicos de água anualmente aos palestinos na Cisjordânia para suprir seus reservatórios e necessidades. Na realidade, Israel vem fornecendo anualmente o triplo de água que foi acordado na época. Infelizmente, algumas comunidades palestinas ainda sofrem com a escassez de recursos hídricos, muitas vezes por problemas de infraestrutura que não são solucionados pela Autoridade Palestina.

* De 66 milhões de metros cúbicos (mcm) em 1967 para 248 mcm em 2012, de acordo com a Autoridade de Água de Israel.

¹ Haim Gvirtzman, "The Israeli-Palestinian Water Conflict: An Israeli Perspective," Begin-Sadat Center for Strategic Studies, January 2012, em www.biu.ac.il/SOC/besa/MSPS94.pdf; Lauro Burkhart, "The Politicization of the Oslo Water Agreement," Missing Peace, 2012, em http://missingpeace.eu/en/wp-content/uploads/pmpeace1/2013/01/MT_Lauro-Burkart.pdf

Assentamentos, conflitos e o processo de paz

Os assentamentos não são a causa do conflito, tampouco um obstáculo para a paz. A tabela abaixo correlaciona os eventos ligados aos esforços de paz e o número de assentamentos israelenses na Cisjordânia e na Faixa de Gaza por períodos.¹

Ano	Assentamentos israelenses	Eventos
1949–1967	Com 0 assentamentos na Faixa de Gaza ou na Cisjordânia...	465 israelenses foram assassinados em um ataque terrorista. Exércitos árabes mobilizaram 250.000 tropas e, em um ato de guerra, bloquearam a importação e exportação de Israel dando início a guerra de 1967.
1979–1994	Com 17 assentamentos na Faixa de Gaza e 120 na Cisjordânia (População total: 136.109)...	O acordo de paz entre Israel e o Egito (1979) foi assinado e Israel retirou todos os 7.000 israelenses em assentamentos no Sinai. A OLP e Israel assinaram os Acordos de Oslo (1993). O tratado de paz entre Jordânia e Israel foi assinado (1994).
2000–2004	Com 17 assentamentos na Faixa de Gaza e 123 na Cisjordânia (População total: 246.000)...	Negociações de paz estavam sendo feitas, inclusive Israel ofereceu a retirada da maioria dos assentamentos pela paz. A resposta palestina foi a Segunda Intifada, com mais de 1.000 israelenses mortos e 3.500 palestinos.
2005–Presente	Com 0 assentamentos na Faixa de Gaza...	Israel organizou a retirada de todos os assentamentos na Faixa de Gaza. O Hamas tomou conta da região e lançou dezenas de milhares de foguetes e disparos de morteiros contra Israel.

As preocupações de segurança desempenham um papel importante nas negociações de paz.



Fotógrafo: Hagai Nativ, cortesia do Dr. Martin Sherman, diretor acadêmico da Cúpula de Jerusalém

A cidade palestina de Rantis está localizada a menos de sete quilômetros do principal aeroporto internacional de Israel. Se grupos terroristas, como o Hamas ou a Jihad Islâmica, tomassem o controle, eles conseguiriam atacar facilmente, com foguetes de curto alcance, um dos locais mais importantes para a infraestrutura israelense e com gigantesca densidade populacional.

¹ Mitchell Bard, "Palestinian Policy Mistakes Fuel Settlement Growth," em www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/talking/69_settlementgrowth.html; Assentamentos e população na Cisjordânia de B'Tselem em www.btselem.org/Download/200205_Land_Grab_Eng.doc; Vítimas de www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Peace/osloterr.html and www.mfa.gov.il/MFA/MFAArchive/2000_2009/2000/1/Terrorism%20deaths%20in%20Israel%20-%201920-1999

A redução da violência levou à prosperidade, mesmo com assentamentos israelenses

A Cisjordânia vem experienciado períodos de prosperidade, incluindo aumento exponencial na construção. Durante os anos 1970, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza se tornaram a quarta economia que mais crescia no mundo, ultrapassando Singapura e Hong Kong, e estavam entre as populações que mais cresciam globalmente.¹ A violência da Intifada (entre 2000 e 2005) trouxe problemas econômicos. Conforme a Autoridade Palestina tomou medidas para controlar os grupos terroristas, reduzindo a propaganda oficial anti-Israel e cooperando com a liderança israelense, a prosperidade econômica foi aos poucos retornando.



Rawabi, a primeira comunidade palestina planejada na Cisjordânia.



“Herbawi Home Center Mall”, shopping de alto padrão construído nos arredores da cidade de Jenin. O estabelecimento de cinco andares está repleto de produtos luxuosos de diversos lugares do mundo. Os lucros vêm sendo tão positivos que os investidores planejam construir quatro novos shoppings pela Cisjordânia.²



Parque de diversões Mukhmas Funland em Ramallah, julho de 2007.
(Foto por Rachael Strecher/AP)

Todas as cidades da Cisjordânia possuem complexos de piscinas recreativas e Ramallah possui mais de 10. Em Ramallah, academias são abertas regularmente desde 2006 e um hotel cinco estrelas foi inaugurado em 2010.³ As cidades da Cisjordânia estão “explodindo de vida”. “As lojas estão cheias de mercadorias e os mercados estão repletos de pessoas”, relatou Al-Monitor, em 2013.⁴ Mesmo assim, sérios desafios econômicos ainda existem, e está claro que a Cisjordânia não alcançará seu potencial econômico sem a paz entre Israel e os palestinos.

¹ CAMERA, “Post-War Economic Growth in the West Bank and Gaza,” The Six Day War, em www.sixdaywar.org/content/growth.asp

² Avi Issacharoff, “Luxury Palestinian Mall Signals Transformation of ‘terrorist capital,’” Haaretz, 21 de junho de 2009

³ Avi Issacharoff, “West Bank Swimming Pools...” Haaretz, 8 de agosto de 2007; Issacharoff, “Setting Aside Politics to Lift Weights,” Haaretz, 10 de setembro de 2006; e NPR, “Ramallah: West Bank’s Boom Town,” 28 de maio de 2009

⁴ Shlomi Eldar, “Visiting Nablus Since Last Intifada Shows Renewed City,” Al-Monitor, 12 de março de 2013

Criando o primeiro Estado palestino na história

Em 1994, durante as tratativas sobre os Acordos de Oslo, Israel facilitou o estabelecimento do primeiro governo palestino da história, a Autoridade Palestina.

Historicamente, jamais existiu um Estado árabe palestino. Depois da derrocada do antigo Estado judaico no século I, nenhuma outra nação emergiu naquela região, que foi dominada por uma série de impérios (pagãos, cristãos e muçulmanos). Durante a guerra de 1948, o Egito e a Jordânia invadiram e ocuparam a região da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, mas não estabeleceram um Estado palestino.



Presidente da Autoridade Nacional Palestiniana, Mahmoud Abbas

Mesmo assim, a Organização para Libertação da Palestina (OLP) originalmente excluiu a Cisjordânia e a Faixa de Gaza de suas demandas territoriais, quando foi criada em 1964, adicionando as regiões apenas depois da guerra de 1967.

Atualmente, a Autoridade Palestina governa entre 95% e 98% da população palestina na Cisjordânia e o Hamas governa todos os palestinos na Faixa de Gaza.

Se for acordada a retirada da maior parte da Cisjordânia em negociações futuras, Israel estaria abrindo mão de porções de seu lar nacional ancestral e alguns dos lugares mais sagrados do Judaísmo, para que os palestinos criem seu Estado nacional independente. Apesar disso, Israel repetidamente ofereceu essa retirada em troca de paz.

Hebron: um dos lugares mais sagrados para o judaísmo, na Cisjordânia.



Túmulo dos patriarcas e das matriarcas em Hebron: de acordo com a tradição judaica, o patriarca Abraão comprou a caverna e a terra circundante de um chefe tribal local. Acredita-se que Abraão, Isaac e Jacó e suas esposas estejam enterrados ali. A caverna é o segundo lugar mais sagrado no Judaísmo, depois do Muro das Lamentações e o Monte do Templo, onde os judeus vêm rezando por milhares de anos.

Imagine a paz



Copyright 2011. Fotografia de Debby Cooper.

Imagine a paz no Oriente Médio, onde Israel e seus vizinhos possam unir forças para desenvolverem ao máximo seus potenciais. Compartilhando tecnologia e recursos, as possibilidades são infinitas. E mais importante: um futuro recheado de paz e prosperidade para as crianças e futuras gerações será possível.

Patrocinado por:



Faça o download deste e de outros materiais educacionais no site:

standwithus.com/brazil



StandWithUs Brasil



@standwithus_brasil



@StandwithusBr



StandWithUs Brasil

Contribua com nosso trabalho:

Doe em <https://www.catarse.me/standwithusbrasil>

